

**HILST, Hilda. Matamoros (da fantasia). In: \_\_\_\_\_ . *Tu não te moves de ti*. Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Cultura, 1980.**

Torna-se muito penoso relatar como se deu a coisa, como fui tomada de um sentir nunca sentido, verdade que me aprazia sempre o tocar de qualquer, o tocar de muitos, o tocar sem nome, nem lhes via o rosto, era a destreza no tocar que me sabia a nardos ainda que aquele que me tocasse desprendesse de si o cheiros de todos mal lavados, as narinas fechavam-se para tudo que me cortasse o sentir, se demasiado se faziam malcheirosos eu abria-me ao pé da água, encostada ao corpo do rio, e sem que o homem percebesse eu o lavava, primeiro as mãos na água, depois no costado do homem porque se faz nesse comprido da medula o mais intenso sentir, depois apalpava-o na semilua do ventre, molhava-lhe os pêlos vagarosa e antes de tocá-lo no mais fundo esfregava minhas mãos na minha cabeça, aquecia-as para que a água das palmas se fizesse em mornidão, e depois sim tocava-o, singela e de rudeza mas com finuras de mulher educada, pois era assim que eu era, e se destruí algumas coisas com a polpa dos meus dedos, tinha cuidados e era desvelosa com o corpo da água, não sei o porquê desses afins com coisa tão rorejante, eu que me soube sempre parda e pesada como a pele da terra, são mistérios, ganchos talvez de uma vida de antes, há cadeias e argolas que se enroscam tanto que os dedos do divino nem podem desfazê-las, há poderosos peixes que se matam nas redes, pois não é? Por que se desmancharia a cadeia de carne dos humanos, somos de tantas vidas que algum resíduo antigo se cola à nossa futura alma e é talvez por isso que me faz pena e maravilha esse encorpado mole, desfazido, essa cor sem nome desse corpo da água, se machuquei-a um dia, já paguei, porque foi bem por ela por gostar tanto por ficar à beirada de um corredor de águas, numa tarde esquisita, muito rara, que conheci o homem que me deu luz à vida, mas também me deu sangue e ensanguentou Haiága. Era essa tarde rara como disse, alguém esteve comigo e já se fora, eu tinha as saias molhadas e através via a coxa se esticasse o tecido, pensava em nada, em Matamoros ali nada pensante numa tarde rara, aquietada olhava o engraçado desenho da minha saia, e só olhei para trás porque os cabelos na nuca se mexeram como se tocados por focinhos, me veio a desconfiança de que a cadela Gravina, com esse nome porque vivia cheia, me seguira, virei-me para agradá-la, para vê-la, e ela não era, atrás, de pé, afastado de mim vinte passos ou mais, um homem, esguio como um santo de pedra que vi: as pernas tão compridas e tão fortes como tronco mediano dos ipês, estava ali parado mas era como se à minha volta rodasse, sereno parecia mas se desse um passo meu corpo se faria um canteiro de flores devastado, de olhá-lo soube que a alma me tomaria, tomou-a, e de palavra pouca, tantas dentro de si onde não se dizia, era como se fosse o reverso do belo sem deixar de sê-lo, ao redor a tarde ficou imóvel, as árvores e as águas sem ruído, eu mesma parecia desenhada e não viva como estivera há pouco, e mais viva do que nunca é o que eu escutava, toquei-me, não com os dedos de antes, toquei-me para ter a certeza de que não havia atravessado os limites do tempo. (p. 56-57).

o homem que criou teu anjo-companheiro  
anjo nenhum, Simeona, já te disse que tem carne de homem,  
e eu repito que não, e mais te digo: o nome que lhe deu esse pobre-rico-coitado é nome longe de nós,  
sílabas marteladas e depois nome de Deus, TADEUS, chamou-o assim porque desse nome tem nome  
parecido, quer a vida que o teu anjo tem, sonha com liberdades, com terras, animais, é mais raiz de  
planta do que carne, liberdade de funduras é o que o outro pretende sem poder, vive uma vida de  
enganos, cercado de poeiras de matéria, tem mulher enfeitada de vidrilhos brilhantes, tem um lago na  
casa, lago de águas tão estranho porque a margem não se vê de capins, é uma coisa de pedra muito lisa  
o que contorna a margem, a vida desse outro é toda como se fosse pintura, entendes? Não é matéria  
viva. E tanto deseja viver vida de nossa gente, tanto lá por dentro a nós se assemelha que deu forma  
pulsante e muito ilícita, (porque poderes assim só os tem Deus) deu forma, Maria, ao que sempre viveu  
no informe, no desejo. Pecaminosa maravilha isso de dar ao moloso do pensamento forma dura, são  
tristes horas as que rodeiam esse homem, tem movimentos, entendes? (p. 78-79).

Olho de Matamoros olhando-os novo, matizes encharcados de um laranja de doçura, licoroso, febril,  
anel de ouro fechando-nos num tempo sem nome, um lugar dos longes, desses dois à minha frente  
gorjeando vi-me filha, Matamoros Maria, filha de Haiága e de Meu, deita-se Maria com o pai que ao  
mesmo tempo é Haiága marido-rei, ato fenomenoso esse de se deitar com quem nos fez, a cara do  
homem mais endurecida, idéia-cara de um primeiro rei, resplandecente, solene, amante-pai numa noite  
de sempre, eu Maria em volúpia cerimoniosa abrindo-me sagrada para o pai, ato enxugado de palavras  
mas escuro de gozo, de suspiros, de um arfar em cadência, grosso, o vigor desse possível se fazendo  
Idéia, Idéia sussurrosa muito real agora: o homem-rei, as mulheres-rainhas, verdade-realeza de uma  
casa, de nós três, de quatro porque assim o deseja a cabeça de mãe-Haiága por mim coroada, verdade-  
invento que me fez amante nova e mais gemente nessa noite [...] Matamoros-criança melada de Meu,  
saboreando um pai que tirou de sua própria cabeça, construindo uma nova armadura para suportar  
manhãs madrugadas e noites. Como se entendesse o meu papel e pesquisasse demorado o seu, colocou-  
me ao colo e demorou-se nuns afagos largos e muito licenciosos, olhava ao redor do quarto, às vezes  
vigilava a porta como se temesse de Haiága a entrada, a garganta fingia um canto pequenino de ninar  
entrecortado de palavras baixas, rápidas, pedindo que me abrisse mais, ia me abrindo escorrida de gozo,  
um riacho nas coxas, devagar ele dizia, quieta, sem gritar dizia, vestidos os dois como como se aquele  
instante fosse roubado ao meio do dia e logo mais tivéssemos que nos apresentar frente à rainha, como  
pôde saber tão sabiamente o seu papel de rei-pai desejoso da filha, se apenas na minha cabeça é que  
havia esse muito obscuro colocar? (p. 108-109).